


## **Isaías Pessotti: a beleza de ser um eterno aprendiz**


### **Isaías Pessotti: the beauty of being a lifelong learner**

**Marina Massimi**

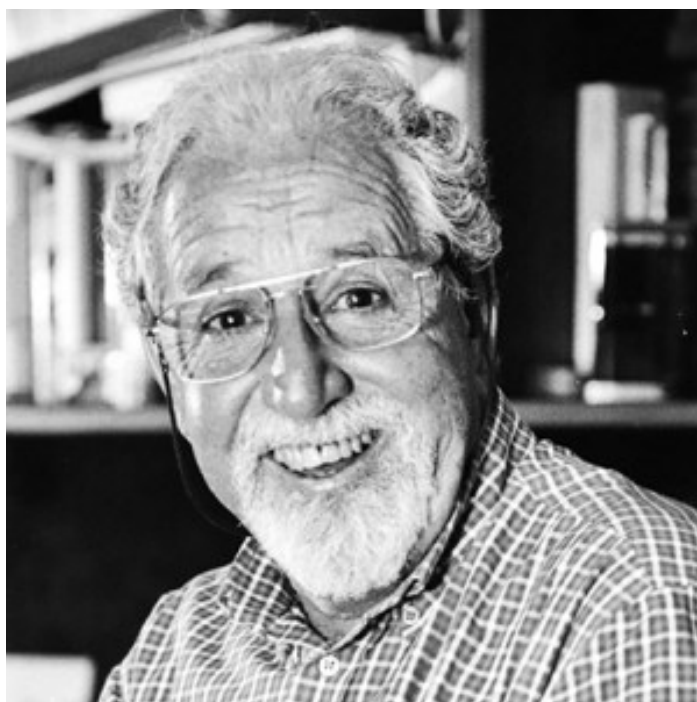
 <https://orcid.org/0000-0001-9103-9960>

Universidade de São Paulo  
Brasil

**William Barbosa Gomes**

 <https://orcid.org/0000-0001-9069-2685>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil



Isaías Pessotti (1933-2024)

Foto: Documentação Científica FMRP

Isaías Pessotti nasceu em São Bernardo do Campo, em 28 de setembro de 1933, e faleceu em Ribeirão Preto, em 26 de março de 2024. Foi psicólogo, professor, historiador, filósofo e escritor. Descendente de família de imigrantes italianos, cujo pai era marceneiro, desenvolveu habilidades para construir objetos de madeiras que, depois, foram muito úteis na construção de instrumentos para uso em laboratórios. Isaías foi casado com Rosalina (já falecida) com quem teve o filho Bruno e a filha Isabel.

Pessotti bacharelou-se em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em 1955, na histórica sede da Rua Maria

Antônia, a qual se referia com muito orgulho. Obteve o título de Especialista em Educação, pela *Universidad de Chile* em um curso oferecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1959. Doutorou-se em Ciências, com distinção, pela Universidade de São Paulo, em 1969, orientado por Carolina Martuscelli Bori (1924-2004), a quem ele, ao longo da vida, sempre considerou como sua grande mestra. O título da tese de doutorado foi *Descrição Condicional em Melipona Micheneria Rufiventris Lepeletir*. Tratou-se de uma pesquisa de grande originalidade em que Pessotti estudou a aprendizagem em abelhas, usando o método de análise experimental do comportamento. Bem mais tarde, em 2004, ele realizaria o sonho de obter mestrado em Filosofia e Metodologia das Ciências, pela Universidade Federal de São Carlos (2004), sob a orientação de seu colega, e amigo, Bento Prado de Almeida Ferraz Junior (1937-2007), um dos mais importantes filósofos brasileiros. O tema da dissertação foi a Esquizofrenia em Eugène Minkowski<sup>1</sup>.

A carreira docente de Isaías Pessotti foi ampla e diversa, alcançando cada posição por concurso público de títulos e provas. Ele ingressou como docente no Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina USP-Ribeirão Preto, em 1967, obtendo a Livre Docência em 1977. Foi aprovado como Professor Titular nas seguintes instituições: Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (1982); Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP (1983); e Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP (1984). Em 1997, a Universidade de Urbino, na Itália, concedeu-lhe o título de Professor da Cátedra de Metodologia Científica em Psicologia por notório saber (*chiara fama*), com o reconhecimento dos colegiados da Universidade, do *Consiglio Universitario Nazionale* (CUN), e do *Ministero dele Università e della Ricerca Scientifica e Tecnologica* da Itália.

Isaías Pessotti foi um dos primeiros estudantes de análise experimental de comportamento no Brasil. Acompanhou as aulas ministradas pelo professor Fred Simmons Keller (1899-1996) na Universidade de São Paulo, em 1961, inclusive colaborando com a construção das Caixas de Skinner para a realização dos experimentos. Em seguida, participou, sob a orientação de Carolina Bori e Fred Keller, de um projeto de Análise Experimental do Comportamento (AEC) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, no interior paulista, entre 1962 e 1963. Coube a Pessotti a organização do laboratório de AEC e lecionar aprendizagem e fundamentos de AEC, vindo a assumir a coordenação do Curso de Pedagogia em 1963 (Vilares & Azoubel, 2023).

No ano seguinte, Isaías Pessotti esteve na Itália realizando pesquisas e ministrando cursos nas Universidades de Milão, Padova e Catania. Em Milão, entre 1966/67 e 1969/70, foi professor de Psicologia Animal e Psicologia Experimental

---

<sup>1</sup> Eugène Minkowski (1885-1972) foi um psiquiatra judeu com nacionalidade francesa que incorporou conceitos fenomenológicos, principalmente a noção de tempo vivido, ao estudo da psicopatologia.

na Escola de Especialização em Psicologia no Instituto de Psicologia da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Milano. Neste mesmo período, trabalhou como consultor para assuntos de psicofarmacologia no *Istituto di Ricerche Carlo Erba* de Milão (Itália). Nessa época, ele publicou dois livros em língua italiana *L'Apprendimento Animale* (Pessotti, 1970) e *Introduzione allo Studio del Comportamento Operante* (Pessotti & Longoni, 1972). Em 1971 e em 1973, ele retornou à Itália onde lecionou Psicologia Geral no recém-criado curso de graduação em Psicologia, em Padova. Com os dados obtidos na Itália ele publicou no Brasil (Pessotti, 1966-1967/2023) o que tem sido considerado o primeiro relato de intervenção comportamental (Vilares & Azoubel, 2023).

Nos estudos na área de análise experimental foi pioneiro por introduzir a modelagem do comportamento de abelhas, quando até então as pesquisas sobre comportamento operante eram realizadas com ratos e camundongos, confinados em gaiolas e caixas experimentais. Como informou Otero (2006), Pessotti, ao estudar o comportamento de abelhas, introduziu uma nova abordagem metodológico e iniciou uma linha de pesquisa em Análise Experimental do Comportamento (AEC). Nestes estudos realizados com com diferentes espécies de abelhas sociais destacaram-se temas como aprendizagem e extinção de comportamentos de discriminação de cores e formas (por exemplo, Pessotti & Sénéchal, 1981), e modelagem do comportamento de pressão à barra e punição de tal comportamento associada à extinção (por exemplo, Pessotti & Otero, 1981). Os delineamentos e equipamentos para esses experimentos foram concebidos e construídos pelo próprio Pessotti.

A partir de meados dos anos 1970, Pessotti dedicou-se a estudos de epistemologia e história da psicologia. Um primeiro livro de estudos históricos foi o *Pré-História do Condicionamento* (Pessotti, 1976), no qual abordou pesquisas e teorias de fisiologistas acerca do sistema nervoso e do comportamento reflexo. Esses fisiologistas foram precursores do que posteriormente ficou conhecido como Condicionamento Operante. Outro objeto de investigação histórica foi a psicopatologia que já apareceu em sua tese de Livre Docência, de 1977, com o *Estudo sobre o conceito de ansiedade*. Em 1984, publicou o livro *Deficiência Mental: Da Superstição à Ciência*, no qual discorreu sobre diferentes práticas terapêuticas.

Em 1975, Pessotti escreveu um artigo que veio a se tornar célebre. Foi o modestamente intitulado como *Dados para uma história da psicologia brasileira*. Esse texto reapareceu anos depois em uma histórica publicação do Conselho Federal de Psicologia com o título *Quem é o Psicólogo Brasileiro*. O artigo foi revisto e intitulado *Notas para uma história da psicologia brasileira* (Pessotti, 1988). Neste estudo, Pessotti propôs uma divisão para o desenvolvimento histórico da psicologia no Brasil que se tornou clássica, recebendo inúmeras citações. Os quatro períodos são os seguintes: o pré-institucional até 1833, institucional de 1833 a 1934, universitário de 1934 a 1962, e profissional de 1962 em diante. Os critérios foram os seguintes: com a criação das faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia em 1933,

termina o período pré-institucional e inicia o período de instituições que de alguma forma contemplavam estudos em psicologia. Com a criação do Departamento de Psicologia na Universidade de São Paulo, em 1934, inicia o período universitário que vai até 1962, quando a profissão de psicologia é regulamentada, dando início ao período profissional. Nesse estudo vale destacar a modéstia e abertura do autor ao reconhecer que

As informações seguintes são obviamente incompletas e podem até conter inexatidões já que são escassos os escritos a respeito e poucas as pessoas a serem consultadas ...Solicita e por antecipação agradece aos colegas que enviarem à esta revista correções e novas informações sobre o desenvolvimento da psicologia em seus vários campos e nos vários estados do país (p. 17).

De fato, Isaías Pessotti concebia a pesquisa em geral e nela a pesquisa histórica como um empreendimento comunitário, um entendimento que também estará presente em seus escritos literários.

A partir dos anos 1990, a produção de Isaías Pessotti encontra-se organizada em duas grandes trilogias, uma de teor histórico e outra de teor literário. Na verdade, as duas trilogias compostas simultaneamente, revelam a personalidade dessa figura humana e intelectual de dimensão científica, de conhecimento histórico, de cultura literária, de razão e sensibilidade.

A trilogia de teor histórico é dedicada ao conceito de loucura e das formas do seu tratamento, da Grécia antiga até o século XIX, tema que muito o apaixonou, na forma de três livros, todos editados pela Editora 34: *A Loucura e as Épocas* (1994a), *O Século dos Manicômios* (1996a) e *Os Nomes da Loucura* (1999). Em paralelo foi concebida e escrita a trilogia literária, com o muito premiado *Aqueles Cães Malditos de Arquelaú* (1994b), *O Manuscrito de Mediavilla* (1996b) e *A Lua da Verdade* (1997). Pessotti (1994b) alcançou grande sucesso no início da década de 1990, recebendo o Prêmio Jabuti. Além disso, a obra foi eleita em 2005 por um júri de críticos literários, como um dos melhores romances brasileiros dos últimos 15 anos.

Em *A Loucura e as Épocas*, Pessotti (1994a) definiu loucura como “a perda do caráter distintivo do ser humano, e diante desse fato a constatação da precariedade da essência do homem se impõem de modo irrecusável” (p. 7). Mais uma vez, adotando a postura que poderíamos definir da modéstia como método, pois ele mesmo define como “modesto” o enfoque adotado em seu trabalho. Na verdade, ele realizou um amplo e erudito levantamento de trechos expressivos de várias obras que se ocuparam em explicitar ou caracterizar a loucura, entendida como um estado individual da perda da razão, ou do controle emocional, independentemente dos significados sociais ou políticos de tais aberrações. Para tanto utilizou não apenas as fontes médicas tradicionais, mas fontes da história da cultura: textos poéticos, textos literários (como as tragédias gregas), textos médicos (a partir de Hipócrates, Galeno); e textos de teólogos, demonistas, filósofos e cientistas. Fez esse percurso

até chegar ao surgimento da psiquiatria no século XIX. O estudo traz o desafio de compreender e curar a loucura, incluindo modelos míticos, psicodinâmicos e organicistas, até chegar ao nascimento da atitude clínica em que o médico se debruça na observação do comportamento do alinado.

Em *O Século dos Manicômios* (Pessotti, 1996a), ele nos ofereceu uma descrição das diversas correntes da psiquiatria, reconstruindo as correspondências conceituais entre épocas e autores, segundo critérios da “influência”. O interesse de Pessotti não foi proporcionar uma interpretação com base nos pressupostos de filosofia da história, mas realizar uma nosografia baseada nas diferentes descrições das doenças e das atribuições etiológicas e de suas causas que delimitaram as práticas médicas. Neste livro, ele argumenta que nos séculos XVII e XVIII já predominavam doutrinas estritamente organicistas sobre a loucura, como a iatroquímica, a pneumática e a iatromecânica. Os espaços exclusivos para o tratamento da patologia mental vão se consolidar apenas no século XIX. O surgimento dos manicômios é a contrapartida institucional da teoria de Philippe Pinel (1745-1826) que identificou a loucura como delírio, mas apontou suas causas em distúrbios ou excessos das paixões, que acabam por provocar lesões no intelecto e na vontade. Com Pinel, a psicopatologia assumiu uma feição humanista com o manicômio devendo corrigir as paixões do alienado. No final do século XIX, porém, a ineficácia do tratamento faz do manicômio um laboratório infernal para novas e igualmente ineficazes experiências corretivas, como a máquina rotatória ou, no início deste século, a malarioterapia. Por conclusão, ele entendeu que toda a parafernália violenta da terapêutica física, construída pela medicina oitocentista para enfrentar a loucura, demonstrou muito mais que prepotência, sua indisfarçável impotência.

Em *Os Nomes da Loucura*, Pessotti (1999) encerra a trilogia tratando dos nomes e das classificações da doença que foi denominada de mania, melancolia ou demência. Dividida em três partes, a obra parte das definições clássicas a partir de Hipócrates, segue tratando das diversas classificações ocorridas no século XIX, concluindo com a fluidez dos conceitos da psicopatologia moderna. Em artigo de 2006, *Sobre a teoria da loucura no século XX*, Pessotti mostrou que na segunda metade do século XX, a difusão do tratamento farmacológico e sua eficácia, fizeram com que os exaustivos exames diagnósticos e as teorias que os embasavam fossem deixadas de lado. Por tudo isso, ele sugeriu que a segunda metade do século XX foi muito pobre em contribuições teóricas, exceto algumas derivações dos enfoques da primeira metade, devidos a Freud, Bleuler e discípulos desse, como Jung, Minkowski e Binswanger. Certamente, essa foi a justificativa que levou Pessotti a escrever sua dissertação de mestrado em filosofia sobre a esquizofrenia como abordada em uma perspectiva fenomenológica por Eugène Minkowski.

Em sua obra, Pessotti concebeu o estudo histórico não como uma mera descrição, mas como um exercício reflexivo sustentado por questões seculares. Assim, ele se perguntava: quanto do comportamento humano é produto das estruturas or-

gânicas e quanto resulta das experiências singulares de cada homem? Ou, noutros termos, quanto é a história pessoal que determina o comportamento normal ou patológico de cada homem, a despeito das estruturas orgânicas que herdou? Ou, ainda, quanto a própria fisiologia cerebral pode alterar-se como efeito da experiência?

Na trilogia literária, Pessotti (1994b; 1996b; 1997) usa da fantasia, da ficção, da sua grande erudição e de suas referências autobiográficas para apresentar aos leitores seus ideais de homem, de cientista e de acadêmico. Nestas obras, a narrativa se caracteriza por tópicos recorrentes. Uma primeira tópica seria a da amizade entre estudiosos. Em todos os romances, ele retrata um convívio amigo, inclusive gastronômico, onde misturam-se saberes e sabores. Algo que evoca o convívio entretido de ciência e filosofia que ele efetivamente viveu com amigos e colegas como Bento e Lúcia Prado, e Carolina Bori, entre outros. O estilo da redação, coloquial é bem-humorado, às vezes romântico e sensual, propondo conteúdos repletos de erudição, veiculando conhecimentos nas mais diversas áreas: culinária, arquitetura antiga, história, teologia, e outros mais. Conhecimentos sempre compartilhados em convívio de estima, respeito e amizade, desvelando a rica formação humanista do autor.

No último o romance, *A Lua da Verdade*, o protagonista, o jovem escritor Eugênio embarca em um navio rumo à Europa, na década de 1960. Seu objetivo era encontrar material para um romance que planejava escrever sobre a Inquisição Portuguesa. Ao longo da viagem, ele tece relações de amizade com um interessante grupo de passageiros que inclui um padre jesuíta, uma insinuante jornalista e um engenheiro apaixonado por astronomia. Com eles, estabelece uma crescente afinidade, embalada pela degustação das comidas e bebidas servidas no transatlântico, mas também pelo compartilhamento de documentos instigadores. O padre Flores apresenta ao grupo os relatos de um estranho processo do Santo Ofício, de 1620, onde a ré, Anna de Praga, acusada de defender a tese de que a Terra não é o centro do universo, desaparece misteriosamente do convento em que estava presa em Évora. As ideias heliocêntricas punham em xeque os dogmas da Igreja, e é justamente nesse embate entre as múltiplas aparências da realidade que Eugênio se depara e busca o seu caminho, de modo que ao desembarcar em Lisboa sai em busca dos vestígios dessa história.

Uma segunda tópica seria a presença da intriga que constitui um desafio para a razão, provocando-a a conhecer e a investigar, mantendo a atenção, e a curiosidade. Por exemplo, a estória de *Aqueles Cães Malditos de Arquelaú* se passa no final da década de 1960, em Milão, e conta o empenho de um grupo de jovens pesquisadores do Instituto Galilei em descobrir o que a história oficial, à época da Inquisição, tentara encobrir sobre uma personalidade importante do século XV. Tratava-se de um tal “bispo vermelho”, como era conhecido numa *villa* do Piemonte, da qual o bispo fora o proprietário. Nessa *villa*, os pesquisadores encontram, de

forma surpreendente e insólita, um manuscrito inédito. A narrativa descreve o percurso que o grupo empreende para desvendar o mistério.

Uma terceira tópica seria o ideal de razão, verdade e justiça, tendo como base da universidade. Esse ideal é encarnado por Pietro Vittori, um personagem do *Manuscrito de Mediavilla*. O romance inicia com a descoberta de uma biblioteca de manuscritos raros, a partir dos quais uma equipe de professores de Milão começa a desvendar a fascinante e misteriosa história dos Templários, monges guerreiros que foram perseguidos pelo rei Felipe da França e pelo papa Clemente V. Vittori, o chefe dos investigadores, parece expressar o ideal que Isaías Pessotti tinha de Universidade e de docência: “Cada discípulo de Vittori tinha algumas marcas, inconfundíveis: a consciênciade que sempre é preciso saber mais, de que a virtude não está no que se sabe, mas na busca devotada do saber, além de um inflexível senso de justiça” (p. 8). Através de Vittori, Pessotti critica as patologias da academia contemporânea expondo sua raiz profunda: “Quando a busca do poder importa mais que a busca do saber, as universidades morrem. Assim ensinava Vittori” (Pessotti, 1996, p. 9).

Quem conviveu e trabalhou com o Professor Isaías, sabe por experiência que o seu modo de viver a vida universitária, sempre envolvido em atividades de pesquisa, ensino, orientação, corresponde aos traços retratados em Vittori:

Talvez, de todos nós, o mais visado fosse Pietro Vittori, o diretor. Ele proclamava aos quatro ventos que a transmissão do saber, a formação dos estudantes, era a razão maior da Universidade. Dizia que isso era algo extremamente sério e, por isso mesmo, não era assunto para novatos que, após a formatura, não responderiam pelas consequências das “revoluções” que propunham. Achava que os alunos precisam distinguir entre o poder que contestam e a autoridade intelectual de seus mestres. Que o direito de contestar a universidade, se adquire cumprindo seu papel nela, o dever social de estudar com seriedade, no caso dos alunos. Mais ainda, dizia que a Universidade não tem poderes a serem disputados: ela tem, isso sim, compromissos e o maior deles, supremo, é com a razão, a racionalidade. Que os cargos universitários são deveres sociais ou institucionais, e não posições de poder. Para ele, a ambição por tais cargos como posições de mando era marca dos que estariam mais felizes fora da universidade. Tanto mais hábeis no jogo do poder, quanto medíocres no saber. Por esse caminho, pode-se concluir que os medíocres não são raros (Pessotti, 1996, p. 9).

Eu jamais impedi que vocês discutam meus projetos. Não decido nada sem discutir com vocês todos. Convençam-me de que eles são errados ou inconvenientes e eu os modifico ou abandono. A discussão deve buscar racionalmente a verdade, como diria Abelardus, e não servir apenas de álibi para a prepotência das majorias. Ser democrático não é curvar-se ao número de votos. É submeter honestamente as próprias ideias à apreciação dos outros e saber render-se a uma argumentação convincente... Que pode ser a da minoria, ou a de um só, por que não? (Pessotti, 1996b, p. 10).

Uma quarta tópica seria o resgate do valor da cultura clássica. Ainda em *Aqueles Cães Malditos de Arquelaus*, Pessotti declara sua admiração por Eurípides,

como também fez no texto *A Loucura e as Épocas* ao descrever as relações entre paixão e loucura nas tragédias do autor grego. Escreve no romance:

A imagem que tenho de Eurípides é a de um homem muito à frente do seu tempo e, simultaneamente, a marca desse tempo [...] de fato, nenhum de seus mestres tão ilustres reunia à sabedoria e à elevação ética tanta criatividade, tanta sensibilidade e, mais que isso, tanto respeito e interesse pelas paixões dos homens [...] ele era um filósofo, ligado ao grupo dos sofistas, era um dos Sophoi. E o próprio Apolo de Delfos, consultado sobre a Sophia de Eurípides, comparada à de Sófocles, respondeu que, se este era um sábio, Eurípides era muito mais: Sophóteros Eurípides. Esse é o Eurípides que eu amo (Pessotti, 1994a, p. 100).

No diálogo com uma das protagonistas do romance, Anna, Isaías trava uma discussão filosófica ao contrapor a posição inovadora de Eurípides (e seu resgate da primazia das paixões, no mundo real dos seres humanos), ao racionalismo tradicional (e abstrato) de Sócrates:

O racionalismo de Sócrates desclassificou a paixão e o sentimento, transformando-os em pouco mais do que uma mochila de pedras a ser carregada na subida íngreme da perfeição noética, voilà e ética. Nada de contradições. O mundo é ordenado e a vida também. Então, a filosofia deve ser exposta sem paradoxos, sem contradições, sem incoerências. Ora, tudo isso era o que Eurípides não podia aceitar. Ele apontava justamente a inconsistência entre as ideias e a natureza das coisas, o paradoxo da grandeza impotente do ser humano, a convivência desordenada entre a generosidade e a mesquinha. E a beleza da racionalidade ao lado da realidade inexorável do irracional, do acaso, do evento. Uma vez proscria a paixão, nem a Academia, nem o Liceu, podiam enxergar, nas tragédias de Eurípides, algo mais que um duvidoso divertimento (Pessotti, 1994a, p. 156).

O ideal de filosofia de Isaías Pessotti é portanto, uma filosofia que se envolva com a vida concreta dos homens, com suas contradições e dramas. Neste sentido, ela forneceria uma ajuda real a vida das pessoas, da sociedade e do mundo. É com base neste ideal de filosofia e mais amplamente de conhecimento que através de suas personagens, ele critica os objetivos da universidade contemporânea:

Qualquer pesquisador sabe que, para obter financiamentos, é preciso que seu trabalho conduza a "avanços tecnológicos de vanguarda" ou "resultados relevantes para a realidade nacional na área em apreço". Como se verá, o nosso trabalho, diante desses critérios, era fulgurante inutilidade (Pessotti, 1994a, p. 7).

Baseado nestes ideais, o professor Isaías Pessotti dedicou-se com afinco à vida acadêmica brasileira e ao esforço para que suas produções fossem efetivamente úteis para a sociedade. Com esses objetivos, participou da criação de cursos de especialização e pós-graduação no Brasil e no exterior, colaborou com o programa de mestrado em Educação Especial para Deficientes Mentais na Universidade Federal de São Carlos e foi assessor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para a criação e o estabelecimento de políticas educacionais para o



atendimento de portadores de necessidades especiais. Atuações como estas mostram a relevância de suas contribuições pessoais e profissionais para o avanço não só da psicologia, mas também para o da população em geral.

Além disso, Isaías dedicou-se a construção das sociedades científicas como a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP), precursora da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). Foi seu vice-presidente em 1976 e presidente em 1977. Durante várias gestões, coordenou a Divisão de História da Psicologia da SBP. Foi também sócio-fundador da Sociedade Brasileira de História da Psicologia em 2013. Para José Aparecido Da Silva, ex-presidente da SBP, “as ideias e reflexões de Isaías permanecerão nos seus escritos, nas suas criações e nos seus artefatos de marceneiro”. Segundo Da Silva ele afirmava ter uma grandiosa marcenaria em sua bela casa, talvez maior que sua biblioteca<sup>2</sup>.

Por fim, o depoimento de Pompermaier (2023), um dos últimos orientandos de Isaías Pessotti, nos traz alguns aspectos da personalidade do Professor, em sua vivência cotidiana:

A abertura que encontrei em Isaías me foi apresentada logo de cara, na disposição de um professor premiado e reconhecido, aposentado, que ainda topava orientar um estudante de mestrado. Mas talvez mais que isso, um professor premiado e reconhecido, que orientava um estudante de mestrado, não a repetir suas ideias, repisar seus próprios passos, mas a explorar e estar atento ao que outros tinham a dizer. Ou ainda, na disposição de um professor premiado e reconhecido, aposentado, que dispensava qualquer formalidade fútil, que se dispunha a buscar (e devolver) o orientando na rodoviária para fazer os encontros de orientação, que se indignava e praguejava junto contra as burocracias e protocolos acadêmicos.

Isso que estou chamando de abertura também se realizava numa sensibilidade e generosidade. Diante de minhas dificuldades, Isaías não procurava sobrepujar-se ou desdenhar-me, marcar nossa distância entre um professor premiado e reconhecido e um mestrando de meia pataca. Ao contrário, quase sempre tinha uma história para contar, e a partir dela apontar para um caminho, ou mostrar confiança de que eu seria capaz de encontrar algum. [...] Cada história se ligava a uma situação, oferecia algo, compartilhava sabedoria – conhecimentos e sentimentos (2023, p. 250).

Em suma, Isaías Pessotti, mestre criativo, rigoroso, capaz de escutar e de provocar, de acompanhar e de afirmar a liberdade do outro, também do jovem que está diante dele. Raciocínio científico e fantasia, harmoniosamente acopladas, nesse cientista genial, escritor primoroso, homem generoso, que com sua vida cantou “a beleza de ser um eterno aprendiz”.

## Referências

Otero, V. R. L. (2006). Homenagem a sócio honorário: Isaías Pessotti. *Temas em*

<sup>2</sup> José Aparecido da Silva em mensagem de WhatsApp a William Barbosa Gomes em 10 de maio de 2024.

- Psicologia*, 14(1) 9-11. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a02.pdf>
- Pessotti, I. (1970). *Introduzione allo studio del comportamento operante*. Il Mulino.
- Pessotti, I. (1975). Dados para uma história de Psicologia no Brasil. *Psicologia*, 1(1), 1-14.
- Pessotti, I. (1976). *Pré-história do condicionamento*. Hucitec, Edusp.
- Pessotti, I. (1984). *Deficiência mental: da superstição à ciência*. TAQ, EDUSP.
- Pessotti, I. (1988). Notas para Uma História da Psicologia Brasileira. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 17-31). EDICON-EDUC.
- Pessotti, I. (1994a). *A loucura e as épocas*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1994b). *Aqueles cães malditos de Arquelau*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1996a). *O século dos manicômios*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1996b). *O manuscrito de Mediavilla*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1997). *A lua da verdade*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1999). *Os nomes da loucura*. Editora 34.
- Pessotti, I. (2006). Sobre a teoria da loucura no século XX. *Temas em Psicologia*, 14(2), 113-123. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n2/v14n2a02.pdf>
- Pessotti, I. (2023). Alguns problemas técnicos em terapia de reforçamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2) 236-244. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v19i2.15669>
- Pessotti, I., & Longoni, A. M. (1972). *L'apprendimento animale*. Aldo Martello.
- Pessotti, I., & Otero, V. L. (1981). Aprendizagem em abelhas Iv: punição e resistência à extinção. *Revista Brasileira de Biologia*, 41(4), 674-680.
- Pessotti, I., & Sénéchal, A. M. (1981). Aprendizagem em abelhas: Discriminação simples em onze espécies. *Acta Amazonica*, 11(3), 653-658.
- Pompermaier, H. M. (2023). Isaías: escavador de conceitos, contador de histórias. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 249-252. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v19i2.15671>

Vilares, J. E. C., & Azoubel, M. S. (2023). O primeiro relato de intervenção comportamental publicado no Brasil: visitando Pessotti. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2)2, 245-248. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v19i2.15670>

### **Nota sobre os(as) autores(as):**

Marina Massimi é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo. É professora sênior junto ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, onde lidera o Grupo de Pesquisa *Tempo, Memória e Pertencimento*. E-mail: [mmassimi3@yahoo.com](mailto:mmassimi3@yahoo.com)

William Barbosa Gomes é professor titular aposentado e Fellow Senior do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista produtividade CNPq de 1988 a 2019, onde chegou a Pesquisador 1ª entre 2006 e 2019. Dedica-se a projetos teóricos de longa duração, entre os quais se destacam diferenças entre aportes conceituais e estruturais na História da Psicologia, unidade em Psicologia e contribuições da Fenomenologia à ciência. E-mail: [gomesw@ufrgs.br](mailto:gomesw@ufrgs.br)

**Data de submissão:** 13.05.2024

**Data de aceite:** 15.05.2024